

# Entre os primeiros comparativistas e os jovens gramáticos: paradigmas ou programas de pesquisa?

*Everton Mitherhofer Bernardes*

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar como a historiografia linguística e a filosofia da linguística discorreram sobre a passagem dos modelos de ciência da linguagem propostos pelos primeiros comparativistas, em especial Franz Bopp (1791-1867) e August Schleicher (1821-1868), para o proposto pelos Jovens Gramáticos (ou Neogramáticos) a partir da década de 1870. Os autores discutidos serão Koerner (1989), que parte da terminologia kuhniana de paradigma e revolução científica para defender que houve um paradigma iniciado com Schleicher e continuado com os Jovens Gramáticos; Amsterdamska (1987), que tece uma crítica à abordagem kuhniana e propõe a análise das divergências e convergências cognitivas dos grupos e teóricos do período; e Leroux (2007), que defende o uso da terminologia lakatosiana da filosofia da ciência para analisar a passagem em questão.

**Palavras-chave:** *filosofia da linguística; linguística do século XIX; história da linguística.*

## ABSTRACT

This paper aims at analysing how the linguistic historiography and the philosophy of linguistics account about the passage from the models of language science proposed by the early comparativists, especially Franz Bopp (1791-1867) and August Schleicher (1821-1868), to the one proposed by the Young Grammarians (or Neogrammarians) from the 1870s on. The authors here discussed will be Koerner (1989), who, based on the kuhnian terminology of paradigm and scientific revolution, defends that there was a paradigm initiated with Schleicher and continued with the Young Grammarians; Amsterdamska (1987), who criticises the kuhnian approach and proposes the analysis of cognitive divergences and convergences of groups and theorists of the period; and Leroux (2007), who advocates the use of the lakatosian terminology of philosophy of science to analyse this passage.

**Keywords:** *philosophy of linguistics; 19th century linguistics; history of linguistics.*

A partir de 1876, a ciência da linguagem passou por um período turbulento. Desavenças sociais e discordâncias teórico-metodológicas tomaram quase todo o espaço nas universidades alemãs, em especial na Universidade de Leipzig. Até então, observa-se algum nível de consenso científico, cujo principal representante foi o método comparativo, elaborado primeiramente por Rasmus Rask (1787-1832), Jacob Grimm (1785-1863) e Franz Bopp (1791-1867) e aprimorado por August Schleicher (1821-1868). Contudo, uma série de artigos e livros publicados entre 1876 e 1886 pretendiam colocar em xeque a ciência da linguagem tradicional realizada pelos primeiros comparativistas<sup>1</sup>. Nesse período, um grupo de jovens linguistas e professores rompeu com seus antecessores, passando a defender um conjunto de princípios que deveriam garantir o status científico da linguística e criti-

---

1 Cf. Wilbur (1977) e o capítulo 9 de Morpurgo Davies (1998)

cando o recurso a elementos que consideravam metafísicos<sup>2</sup>.

Contudo, não há um consenso de que esse período resultou em uma verdadeira mudança no modo de se fazer linguística. Autores como Koerner (1989) defendem que apesar da postura radical desse novo grupo de linguistas, não houve uma ruptura com o modelo teórico-metodológico dos primeiros comparativistas (p. 94-95). Koerner considera que o paradigma – no sentido kuhniano do termo – foi estabelecido por Schleicher ao sintetizar o legado de Bopp, Rask e Grimm, e que os linguistas posteriores apenas continuaram o trabalho já desenvolvido dentro desse paradigma. A busca pelo paradigma ou pela ruptura de paradigma se dá em termos de continuidades e descontinuidades. Autores críticos do modelo kuhniano, como Amsterdamska (1987) e Leroux (2007), defendem que conceitos como paradigma e revolução científica são insuficientes ou inaplicáveis para descrever o período, pois as continuidades e descontinuidades coexistem no período entre 1860 e 1880, e o modelo kuhniano não nos fornece ferramentas para avaliar o peso que elas desempenham em cada um dos corpos teórico-metodológicos. Dessa forma, é necessário recorrer a uma abordagem que englobe os valores cognitivos em jogo, como o conceito de programas de pesquisa científica (Lakatos, 1970).

Na seção 1 deste artigo, apresentarei o fundo histórico e científico ao qual o trabalho se dedica: serão apresentados os principais conceitos, divergências e convergências entre os primeiros comparativistas e os jovens gramáticos. Na seção 2, explorarei as críticas realizadas à terminologia kuhniana a partir da filosofia da linguística. Em seguida, apresentarei na seção 3 o modelo de programas de pesquisa científica como proposto por Lakatos (1970) e uma análise das dinâmicas entre os dois grupos a partir desse modelo, seguindo as considerações de Leroux (2007). Por fim, nas considerações finais postularei algumas possibilidades de expansão do modelo para outros grupos de linguistas e períodos históricos da linguística.

## 1. Entre 1860 e 1880: os rompimentos

August Schleicher foi uma figura decisiva para a consolidação da ciência da linguagem nas universidades alemãs. O linguista teve como base os comparativistas da primeira metade do século, em especial o estudo do nórdico antigo e de Rasmus Rask, das línguas germânicas de Jacob Grimm, e da comparação de sistemas de conjugação indo-europeus de Franz Bopp. Os três autores lançaram mão da metodologia da linguística comparativa. Contudo, o modelo proposto por Schleicher não foi apenas uma continuação

---

2 Para diversos teóricos do período, eram abordagens metafísicas aquelas que se pautavam em elementos teóricos, filosóficos e/ou metodológicos com pouco ou nenhum respaldo empírico. Para uma discussão mais aprofundada dessa divergência, cf. Nerlich e Clarke (1996).

do trabalho de seus antecessores. Entre as inovações trazidas por ele estava o alinhamento da linguística com as ciências naturais, distanciando-se da disciplina da história. Segundo ele, enquanto a filologia se preocupa com as relações entre a língua e a história do ser humano, a linguística nada teria a dizer sobre isso:

Desta forma, também o método da linguística é completamente diferente daquele das ciências históricas e segue o método das demais ciências naturais. (...) Como as ciências naturais, ela [a linguística] também tem como tarefa a pesquisa de um campo no qual são reconhecidas leis naturais que regem de forma imutável, sobre as quais a vontade e o arbítrio do ser humano não têm efeito.<sup>3</sup> (Schleicher 1850, p. 2-3)

O distanciamento promovido por Schleicher entre a linguística e a filologia – de um lado uma ciência natural preocupada com as mudanças sofridas pelas línguas, do outro uma disciplina que se debruça sobre a história do ser humano por meio de seu uso da língua – configura um novo conceito de língua, o de que as línguas são organismos naturais “que não se comportam como o ser humano, logo, não possuem uma história” (Schleicher, 1861, p. 1). Essa concepção organicista teve grande influência na comunidade científica do período, especialmente pela popularidade da qual gozavam a botânica e as teorias evolucionistas.

114 Schleicher foi o principal representante de uma segunda geração de linguistas<sup>4</sup>. Essa geração formou os pesquisadores e professores que ficariam conhecidos como jovens gramáticos. August Schleicher e Georg Curtius, que mantiveram grande afinidade teórica, foram professores das principais figuras desse grupo: Karl Brugmann (1849-1919), Berthold Delbrück (1842-1922), Hermann Osthoff (1847-1909) e Hermann Paul (1846-1921). A disputa entre os primeiros comparativistas e os jovens gramáticos tem início em 1876. Karl Brugmann estava substituindo Georg Curtius como editor da revista *Studien zur griechischen und lateinischen Grammatik* [Estudos gramaticais de grego e latim] quando publica nela dois artigos polêmicos. Em um deles, defendia a existência de um novo par de fonemas: as nasais vocálicas (\*m<sub>g</sub>, \*n<sub>g</sub>). No outro, apresentava uma reconstrução do vocalismo protoindo-europeu que se diferenciava substancialmente daquele proposto por Schleicher e Curtius.

3 “Demzufolge ist auch die Methode der Linguistik von der aller Geschichtswissenschaften total verschieden und schliesst sich wesentlich der Methode der übrigen Naturwissenschaften an. (...) Wie die Naturwissenschaften, so hat auch sie [die Linguistik] die Erforschung eines Gebietes zur Aufgabe, in welchem das Walten unabänderlicher natürlicher Gesetze erkennbar ist, an denen der Wille und die Willkühr des Menschen Nichts zu ändern vermögen.”

4 A primeira geração seria composta por Rasmus Rask, Jacob Grimm e Franz Bopp. Essas duas primeiras gerações compõem o que este artigo entende como “primeiros comparativistas”.

(Morpurgo Davies, 1998, p. 231). Ao retornar como editor da revista, Curtius se posicionou contra a atitude e as reconstruções de Brugmann, tendo encerrado posteriormente a publicação do periódico.

Apesar desse episódio, a polêmica veio na esteira de uma série de publicações que revisavam os resultados obtidos pelos primeiros comparativistas. Uma das mais importantes foi o artigo de 1875 *Eine Ausnahme der ersten Lautverschiebung* [Uma exceção à primeira mudança sonora], de Karl Verner (1846-1896), que revisitou a lei de Grimm para explicar de forma sistemática algumas aparentes exceções. Sua formulação ficou conhecida como lei de Verner e ainda é considerada como uma complementação à lei de Grimm. Outro trabalho importante foi o livro de August Leskien (1840-1916) *Die Declination im Slawisch-Litauischen und Germanischen* [A declinação no balto-eslavo e no germânico], publicado também em 1876, que articulou o princípio de que as leis sonoras não admitiriam exceções. Esse princípio foi incorporado imediatamente pelos jovens gramáticos, como Karl Brugmann e Hermann Osthoff deixariam claro no prefácio ao novo periódico do grupo, *Morphologische Untersuchungen* [Investigações morfológicas]:

Os dois principais princípios metódicos da vertente “jovem gramática” são os seguintes.

*Primeiro.* Toda mudança sonora, desde que ocorrida de forma mecânica, se aplica a partir de *leis que não admitem exceções*. Ou seja, a direção da mudança sonora é a mesma para todos os membros de uma comunidade linguística, exceto nos casos em que há ramificação dialetal, e todas as palavras onde o som sujeito à mudança sonora ocorre em uma mesma relação sofrerão uma mudança sem exceção.

*Segundo.* Sendo claro que a formação por associação, ou seja, a criação de formas linguísticas por meio da analogia, desempenha um papel muito importante na vida das *novas* línguas, então esse tipo de inovação linguística sem dúvidas também há de ser reconhecido em períodos *mais antigos* e até *no mais antigo*, e não

No entanto, apesar de os jovens gramáticos afirmarem que o primeiro de seus princípios havia sido retirado da obra e das ideias de Leskien – de quem eles de fato haviam sido alunos em Leipzig –, colegas como Johannes Schmidt (1843-1901) questionariam em que medida esse princípio era uma inovação (Morpurgo Davies, 1998, p. 251-252; Amsterdamska, 1987, p. 95). Schmidt havia sido aluno de Schleicher na Universidade de Jena e apontava que o princípio das leis sonoras era parte do pensamento schleicheriano. De fato, a busca por mudanças sonoras regulares já era uma prática metodológica estabelecida na linguística comparativa e as leis de Grimm e de Verner são exemplos anteriores ao surgimento dos jovens gramáticos.

Quanto ao princípio das mudanças por analogia, a resistência se deu por dois motivos principais – um filosófico, outro teórico-metodológico. O primeiro está relacionado à visão organicista da linguagem que se manifestava na forma de um purismo linguístico. Nessa percepção, quanto mais antigas as línguas, mais “puras” seriam suas formas, e as línguas enfrentariam ao longo de suas vidas decadência linguística. Com essa decadência surgiam as línguas mais novas<sup>6</sup>. (Amsterdamska, 1987, p. 105-106) Tal percepção de linguagem foi frontalmente rejeitada pelos jovens gramáticos, em especial por considerarem que as línguas antigas também teriam sofrido mudanças por analogia – ou seja, também estiveram sujeitas à interferência da mente humana, algo inconcebível numa ótica que entende as línguas antigas como formas puras e independentes do ser humano. O segundo motivo foi a forma de uso do princípio da analogia pelos jovens gramáticos. Sempre que se detectava uma exceção a alguma lei sonora, os jovens gramáticos apelavam para o princípio da analogia para explicá-la. Isso foi visto por diversos críticos do grupo como uma postura anticientífica. Neste caso, o problema

---

5 “Die zwei wichtigsten von den methodischen grundsätzen der ‘junggramatischen’ richtung sind folgende.

*Erstens.* Aller lautwandel, so weit er mechanisch vor sich geht, vollzieht sich nach *ausnamslosen gesetzen*, d. h. die richtung der lautbewegung ist bei allen angehörigen einer sprachgenossenschaft, ausser dem fall, das dialektspaltung eintritt, stets dieselbe, und alle wörter, in denen der der lautbewegung unterworfenen laut unter gleichen verhältnissen erscheint, werden ohne ausnahme von der änderung ergriffen.

*Zweitens.* Da sich klar herstellt, dass die formassociation, d. h. die neubildung von sprachformen auf dem wege der analogie, im leben der *neueren* sprachen eine sehr bedeutende rolle spielt, so ist diese art von sprachneuerung undenklich auch für die älteren und ältesten perioden anzuerkennen, und nicht nur überhaupt hier anzuerkennen (...).”

6 Schleicher não adotou a visão organicista nesses termos. Segundo ele, enquanto a língua não estivesse completamente desenvolvida, a humanidade não seria livre para agir com plena consciência. A partir do momento em que essa completude é atingida e os seres humanos passam a criar a história, a língua começa a decair, pois o nível de participação do espírito na história seria proporcional à degeneração das formas. (Amsterdamska, 1987, p. 47) Amsterdamska argumenta que as bases filosóficas hegelianas de Schleicher seriam responsável pelo preenchimento do componente filosófico da linguística comparativa, tarefa à qual Bopp não se dedicou.

não era o princípio em si – que também é encontrado tanto em Schleicher e em Curtius quanto em outros linguistas anteriores aos jovens gramáticos, como Heymann Steinthal (1823-1899). O problema estaria na aplicabilidade excessiva do princípio, que era entendida pelos críticos como uma atitude sem critérios científicos (Amsterdamska, 1987, p. 94-96).

Considerando que os dois princípios podem ser encontrados já no pensamento schleicheriano, a questão de como se deu a ruptura dos jovens gramáticos com o modelo dos primeiros comparativistas se tornou alvo de discussões logo depois das primeiras publicações de Brugmann e de Osthoff (cf. Collitz, 1879; Schuchardt, 1977; Schmidt, 1887). Mais recentemente, Koerner (1989) posicionou-se contrariamente à *fable convenue* de que os jovens gramáticos teriam configurado um rompimento efetivo com os primeiros comparativistas. Para justificar seu posicionamento, Koerner valeu-se da filosofia da ciência de Thomas Kuhn (1922-1996).

## 2. A crítica à terminologia kuhniana

Koerner entende (p. 88-89) que o modelo de linguística promovido por Schleicher se configurou como um paradigma no sentido kuhniano<sup>7</sup> por diversos fatores. Entre eles, são destacados pelo autor: a presença dos conceitos de leis sonoras e de analogia já na obra de Schleicher; princípios rigorosos de reconstrução de estágios mais antigos das línguas; o estudo da família indo-europeia como um todo; uma abordagem desinteressada pela relação entre a história e a linguagem, seguindo Bopp no lugar de Grimm (que estabeleceu relações estreitas entre a história dos povos germânicos e as mudanças sofridas pela família germânica); e a ênfase na fonologia e na morfologia. Outro reforço para a sua argumentação parte do próprio Karl Brugmann, que reconhece que os jovens gramáticos não teriam configurado uma ruptura com seus antecessores, contrariamente ao que fora dito no prefácio às *Morphologische Untersuchungen* (Koerner, 1989, p. 89-90).

Apesar da argumentação de Koerner parecer se sustentar numa perspectiva estritamente histórica da ciência da linguagem, devemos levar em consideração as críticas sofridas pelo conceito kuhniano de paradigma (ou de matriz disciplinar) no campo da filosofia da ciência. Em primeiro lugar, a existência de um paradigma schleicheriano pressuporia um domínio

7 Após as críticas iniciais ao conceito de paradigma, Kuhn estabeleceu no pós-fácio de 1969 à *Estrutura das Revoluções Científicas* a diferença entre paradigma, matriz disciplinar e exemplares. Enquanto a matriz disciplinar seria o conjunto de generalizações simbólicas, paradigmas metafísicos, valores e os modelos científicos, os exemplares seriam compostos apenas pelos modelos científicos a serem seguidos e ensinados. Dessa forma, os exemplares compõem parte da matriz disciplinar. Quando Koerner defende o conceito de paradigma, está se referindo ao sentido de matriz disciplinar, e não apenas de exemplares. Para uma discussão mais completa da reelaboração do conceito por Kuhn, cf. Aymoré (2010).

claro das ideias de Schleicher na linguística do século XIX, o que parece não se sustentar ao considerarmos outros linguistas do período. Como apontado por Morpurgo Davies (1998, p. 190), diversos linguistas e filólogos discordavam do organicismo proposto por Schleicher, como os alemães August Pott (1802-1887) e Heymann Steinthal, o dinamarquês Johan Madvig (1804-1886), o italiano Graziadio Ascoli (1829-1907), os franceses Michel Bréal (1832-1915) e Gaston Paris (1839-1903) e o estadunidense William Whitney (1827-1894). Além disso, apesar do destaque que a linha “técnica” da metodologia comparativa obteve de Grimm, Bopp e Rask até Schleicher, houve grande interesse por uma linguística mais preocupada com questões universais e teóricas sobre a natureza da linguagem e a relação da linguagem com a mente. Os dois principais nomes dessa vertente, inspirados pela filosofia da linguagem de Wilhelm von Humboldt (1767-1835), foram os já mencionados Pott e Steinthal.

O segundo problema que a teoria kuhniana apresenta é o foco nos aspectos sociológicos e psicológicos do fazer científico em detrimento de qualquer componente cognitivo. Como aponta Amsterdamska (1987), “não apenas não temos critérios que nos permitam decidir se uma determinada mudança cognitiva envolve uma mudança de paradigma ou não, mas descrever os processos em tais termos nos diz pouco sobre a dinâmica da mudança cognitiva” (p. 91). Como mencionado anteriormente, é inegável que existam tanto convergências quanto divergências entre o modelo de linguística dos primeiros comparativistas e o dos jovens gramáticos. O problema da abordagem kuhniana é a ausência de qualquer modo de analisar como se configuraram tais convergências e divergências. As perguntas que Amsterdamska (1987) postula também nortearão minha leitura: “a) qual foi a natureza das inovações dos jovens gramáticos e o que levou os jovens gramáticos a propô-las? e b) quais continuidades cognitivas caracterizam a mudança do sistema de ideias dos jovens gramáticos e qual foi a sua justificativa?” (p. 91).

Por fim, o terceiro problema visível em uma leitura kuhniana do período está relacionado ao próprio modelo proposto por Kuhn. Para defendermos a possibilidade ou não de uma revolução científica por parte dos jovens gramáticos, precisaríamos encontrar os estágios que Kuhn identifica como parte do processo de revolução científica. Leroux (2007, p. 266-267) aponta que desses estágios (ciência normal, acúmulo de anomalias, crise na ciência, ciência extraordinária, retorno à ciência normal sob um novo paradigma), a crise na ciência de nível empírico não existiria, pois as décadas de 1860 e 1870 foram marcadas por diversos sucessos empíricos tanto por parte dos jovens gramáticos como de seus críticos:

Em 1863, Hermann Grassmann (1809-1877) descobriu uma lei que governava a distribuição de aspiradas em sânscrito e gre-



go. Em 1875, Karl Verner (1846-1896) (...) reformulou a lei de Grimm e solucionou as exceções (...). Em 1876, Brugmann publicou seu artigo sobre as vogais nasais no indo-europeu reconstruído. Trabalhos de Johannes Schmidt (1843-1901), Hermann Collitz (1855-1935), Hermann Osthoff e Ferdinand de Saussure (1857-1913) estabeleceram novas leis fonéticas que modificavam antigas hipóteses sobre o vocalismo do indo-europeu comum. Também vale ressaltar: um caso de “descoberta simultânea” da lei das palatais, feita independentemente por estudiosos que não aceitavam a doutrina de que leis fonéticas não permitem exceções (Verner e Collitz), e outros que naquele momento aceitavam tal ideia (Schmidt e Saussure). (...) Todas essas descobertas marcaram um progresso em um dos campos mais exigentes da linguística do período, e não apenas tanto jovens gramáticos quanto seus adversários contribuíram para ele, como também chegaram aos mesmos resultados.<sup>8</sup> (Leroux, 2007, p. 267)

Para realizar uma análise que dê conta de explicar *como* os dois projetos de linguística convergiram e divergiram, é necessário um modelo que permita avaliar o papel dos valores cognitivos em cada um deles. Para tanto, seguirei Leroux (2007), que parte do conceito de programas de pesquisa científica proposto por Lakatos (1970) para preencher as lacunas deixadas pela abordagem kuhniana.

### 3. Programas de pesquisa científica

Como resposta às discussões levantadas por Kuhn na década de 1960, Lakatos (1970) promoveu um retorno crítico às ideias de Karl Popper (1902-1994). Lakatos acreditava que a teoria kuhniana era demasiadamente focada na perspectiva sociológica da história da ciência e dizia muito pouco sobre o fazer científico do ponto de vista cognitivo. O problema teria surgido justamente quando Kuhn descarta qualquer possibilidade de explicação racional das mudanças e padrões que ocorrem na ciência:

---

8 “In 1863, Hermann Grassmann (1809-1877) discovered a law governing the distribution of aspirates in Sanskrit and Greek. In 1875, Karl Verner (1846-1896) (...) reformulated Grimm’s law and took care of exceptions (...). In 1876, Brugmann published his article on the nasal vowels in reconstructed Indo-European. Works by Johannes Schmidt (1843-1901), Hermann Collitz (1855-1935), Hermann Osthoff and Ferdinand de Saussure (1857-1913) established new phonetic laws modifying former hypotheses on the vocalism of common Indo-European. Also to be witnessed: a case of “simultaneous discovery” of the law of palatals, made independently by scholars who did not accept the doctrine that phonetic laws suffer no exceptions (Verner and Collitz), and others who did at that time (Schmidt and Saussure). (...) All these discoveries marked a progress in one of the most exacting fields of linguistics at the time, and not only did both Neogrammarians and adversaries contribute to it, but they also arrived at the same results.”

Kuhn contesta todo o programa de pesquisa popperiano, e exclui *qualquer* possibilidade de uma reconstrução racional do crescimento da ciência. (...) *Na visão de Kuhn, não pode haver lógica, apenas psicologia da descoberta.* (...) Não há nenhuma causa racional particular para o surgimento de uma ‘crise’ kuhniana. ‘Crise’ é um conceito psicológico; é um pânico contagioso. Então um novo ‘paradigma’ emerge, incomensurável com seu antecessor. Não há padrões racionais para compará-los. Cada paradigma contém seus próprios padrões. (...) Assim, *na visão de Kuhn, a revolução científica é irracional, é matéria da psicologia de multidão.*<sup>9</sup> (Lakatos, 1970, p. 177-178, grifos do autor)

120 Como uma forma de ao mesmo tempo criticar o falseacionismo popperiano e reconhecer os avanços obtidos pelo pensamento de Kuhn, Lakatos (1970, p. 132-135) elabora o conceito de programas de pesquisa científica. Segundo ele, todo programa de pesquisa científica possuiria um núcleo duro, isto é, um conjunto de crenças e hipóteses que, para os cientistas que adotarem o programa, não são passíveis de falseamento, pois seriam essenciais para o bom funcionamento do próprio programa. Esse núcleo duro estaria cercado por um cinturão protetor formado por hipóteses auxiliares. Essas, por sua vez, podem ser facilmente substituídas ou reformuladas para tornar o programa mais forte e o núcleo duro mais bem protegido. Para que os cientistas saibam como proceder de forma condizente com o programa, ele conteria uma heurística positiva, isto é, o conjunto de caminhos que devem ser buscados e seguidos pelos cientistas, e uma heurística negativa, ou seja, o conjunto de caminhos que devem ser evitados.

Com o conceito de programas de pesquisa científica, torna-se possível medir a partir de valores cognitivos o nível de cientificidade e de corroboração de um quadro teórico-metodológico. Além disso, podemos explicar a coexistência entre diferentes programas de pesquisa, como foi o caso dos modelos de linguística defendido por Schleicher, pelos jovens gramáticos e por outros linguistas e teóricos do período. Enquanto para Kuhn a ciência normal é composta por um único paradigma dominando uma área, para Lakatos o mais comum (e saudável) na história da ciência é o pluralismo teórico:

Mas, na realidade, programas de pesquisa conquistaram apenas raramente um monopólio completo, e ainda assim apenas por

---

9 “Kuhn objects to the entire Popperian research programme, and he excludes *any* possibility of a rational reconstruction of the growth of science. (...) *In Kuhn’s view there can be no logic, but only psychology of discovery.* (...) There is no particular rational cause for the appearance of a Kuhnian ‘crisis’. ‘Crisis’ is a psychological concept; it is a contagious panic. Then a new ‘paradigm’ emerges, incommensurable with its predecessor. There are no rational standards for their comparison. Each paradigm contains its own standards. (...) Thus *in Kuhn’s view scientific revolution is irrational, a matter for mob psychology.*”

períodos relativamente curtos, apesar dos esforços de alguns cartesianos, newtonianos e bohrianos. *A história da ciência tem sido e deve ser uma história de programas de pesquisa (ou, se preferir, 'paradigmas') concorrentes, mas não tem sido e não deve se tornar uma sucessão de períodos de ciência normal: quanto mais cedo a competição se inicia, melhor é para o progresso.* 'Pluralismo teórico' é melhor do que 'monismo teórico': nesse ponto, Popper e Feyerabend estão certos e Kuhn está errado.<sup>10</sup> (Lakatos, 1970, p. 155, grifos do autor)

Leroux (2007, p. 268-270) propõe que ao considerarmos os modelos schleicheriano<sup>11</sup> e dos jovens gramáticos como programas de pesquisa concorrentes, podemos entender melhor o papel que as mudanças por leis sonoras e as mudanças por analogias desempenham para cada grupo. Para o modelo schleicheriano, as mudanças por leis sonoras que não admitem exceções, fazem parte do núcleo duro do programa, enquanto as mudanças por analogia funcionam como uma hipótese auxiliar para quando não se consegue explicar as exceções encontradas. Como exemplo, temos as exceções à lei de Grimm. Até 1875, quando Karl Verner elabora uma explicação regular para tais exceções, especulava-se que não se tratavam de exceções a uma lei sonora, mas sim mudanças por analogia. Após o artigo de Verner, concluiu-se que não se tratavam de mudanças por analogia, mas sim de uma lei sonora ainda não descoberta.

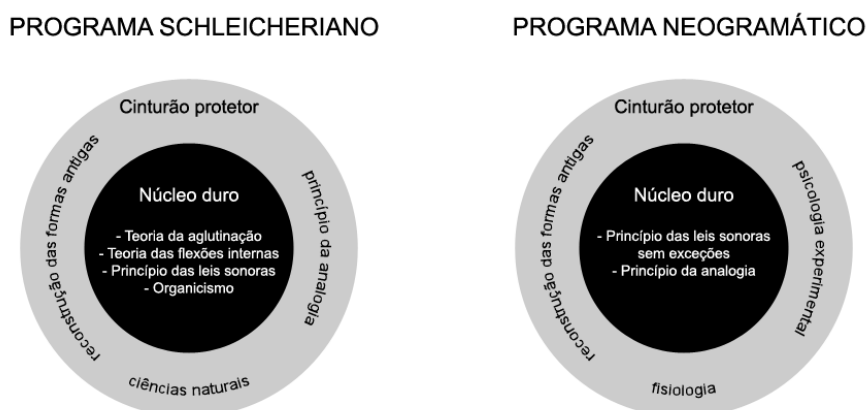
Para o programa de pesquisa dos jovens gramáticos, problemas como o das supostas exceções à lei de Grimm, ao serem resolvidos não apenas fortaleceriam o princípio de que as leis sonoras não admitem exceções, como também indicavam a importância do princípio da analogia como parte de uma metodologia científica considerada razoável, mas não apenas como uma hipótese auxiliar. Assim, ambos configurariam o núcleo duro do programa. Essa mudança é invisível dentro do paradigma kuhniano, pois não temos como calcular o valor cognitivo do princípio da analogia em cada um dos modelos. Contudo, o papel desempenhado por ele é essencialmente diferente dentro do programa dos jovens gramáticos.

---

10 "But, as a matter of fact, research programmes have achieved complete monopoly only rarely and then only for relatively short periods, in spite of the efforts of some Cartesians, Newtonians and Bohrians. *The history of science has been and should be a history of competing research programmes (or, if you wish, 'paradigms'), but it has not been and must not become a succession of periods of normal science: the sooner competition starts, the better for progress.* 'Theoretical pluralism' is better than 'theoretical monism': on this point Popper and Feyerabend are right and Kuhn is wrong."

11 Aqui, entende-se *modelo schleicheriano* como aquele sintetizado por August Schleicher, mas adotado e defendido também por outros linguistas, em especial Georg Curtius.

Figura 1 – Composição dos programas de pesquisa schleicheriano e neogramático<sup>12</sup>



Enquanto para o programa schleicheriano a base científica são as ciências naturais, em especial a botânica e as teorias evolucionistas, traduzidas para a linguística na visão organicista da linguagem, para os jovens gramáticos as bases científicas são a fisiologia, com a qual estariam relacionadas as leis sonoras, e a psicologia experimental, que forneceria explicações científicas para as formações analógicas (Amsterdamska, 1987, p. 101-102). Além disso, ao comporem o núcleo duro a partir dos dois princípios, os jovens gramáticos também se valeram das ideias uniformitaristas<sup>13</sup> de Whitney, concluindo que se os dois princípios estão em pé de igualdade para as línguas antigas, consequentemente também estão para as línguas modernas. Tal mudança configura a possibilidade metodológica de estudo das línguas modernas, algo pouco explorado pelos jovens gramáticos, mas incentivado em diversos de seus textos (Amsterdamska, 1987, p. 138-139).

122

### Considerações finais

O modelo de programas de pesquisa científica possibilita que expliquemos de forma mais satisfatória as convergências e divergências teórico-metodológicas entre os primeiros comparativistas e os jovens gramáticos, como aponta Leroux (2007). A identificação de tais convergências e divergências não é suficiente para entendermos se isso configuraria um rompimento de fato entre os dois grupos, pois é necessário avaliar as dinâmicas dos valores cognitivos para cada um deles. O modelo kuhniano, aplicado por Koerner (1989), parece insuficiente justamente por não fornecer ferramentas para a análise dos valores cognitivos, apenas dos valores sociais e psicológicos compartilhados pela comunidade científica.

A análise bibliográfica aqui realizada nos permite questionar, também, o suposto paradigma schleicheriano proposto por Koerner (1989). Ainda

12 Para uma explicação da teoria da aglutinação e da teoria das flexões internas que compõem o núcleo duro do programa schleicheriano, cf. Amsterdamska (1987, p. 32-62).

13 O uniformitarismo nos estudos linguísticos é objeto de estudo de Christy (1983).

que seja inegável a vasta contribuição de August Schleicher para a ciência da linguagem do século XIX, parece essencial considerarmos as contribuições de outros linguistas e filólogos contemporâneos. No mesmo período encontramos críticos da visão organicista e da linguística estritamente comparativa. William Whitney, Heymann Steinthal e August Pott abriram espaço para questões acerca da origem da linguagem, dos fatores sociais da linguagem e da relação entre a linguagem e a mente humana – temas ainda pertinentes para a linguística realizada hoje. Se considerada a afirmação de Lakatos de que a história da ciência deve ser a história dos programas de pesquisa concorrentes, podemos também questionar em que medida é possível falar de outros programas de pesquisa existentes no período. Entre as possibilidades de especulação estariam um programa humboldtiano interessado em questões universais da linguística composto por pensadores como Humboldt, Steinthal e Pott que influenciaria tanto o programa dos jovens gramáticos quanto o programa do gerativismo e da linguística tipológica, além de um programa whitneyano, cujas ideias desembocariam, por exemplo, nos programas estruturalistas e no programa sociolinguista.

### Referências

AMSTERDAMSKA, O. *Schools of thought*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1987.

AYMORE, D. de S. R. *O modelo de historiografia da ciência kuhniano: da obra A estrutura das revoluções científicas aos ensaios tardios*. 2010. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Departamento de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

CHRISTY, T. C. *Uniformitarianism in Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1983.

COLLITZ, H. Resenha de *Morphologische untersuchungen auf dem gebiete der indogermanischen sprachen*, de Osthoff e Brugmann. *Zeitschrift für deutschen Alterthum*, Leipzig, v. 23, p. 318-348, 1879.

KOERNER, E. F. K. The Neogrammarian Doctrine: Breakthrough or extension of the Schleicherian paradigm. A problem in linguistic historiography. In: KOERNER, E. F. K. *Practicing linguistic historiography: selected essays*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1989. p. 79-100.

LAKATOS, I. Falsification and the Methodology of Scientific Research Programmes. In: LAKATOS, I.; MUSGRAVE, A. (ed.) *Criticism and the Growth of Knowledge*. Proceedings of the International Colloquium in the Philosophy of Science, London, 1965, vol. 4. Cambridge: Cambridge University Press, 1970. p. 91-196.

LEROUX, J. An Epistemological Assessment of the Neogrammarian Movement. In: KIBBEE, D. A. (ed.) *History of Linguistics 2005*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2007. p. 262-273.

NERLICH, B.; CLARKE, D. D. A period of transition: realist and idealist approaches to language use. In: NERLICH, B.; CLARKE, D. D. *Language, action, and context: The early history of pragmatics in Europe and America, 1780-1930*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1996. p. 150-176.

OSTHOFF, H.; BRUGMANN, K. *Morphologische Untersuchungen auf dem Gebiete der indogermanischen Sprachen. Vol. 1*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

SCHLEICHER, A. *Die Sprachen Europas in systematischer Uebersicht*. Bonn: H. B. König, 1850. Disponível em: <https://archive.org/details/diespracheneurop00schl/page/n5/mode/2up> Acesso em 31 mar. 2021.

124

SCHLEICHER, A. *Compendium der vergleichenden Grammatik der indogermanischen Sprachen*. Weimar: Hermann Böhlau, 1861. Disponível em: <https://archive.org/details/compendiumderve06schlgoog/page/n13/mode/2up> Acesso em 31 mar. 2021.

SCHMIDT, J. Schleichers auffassung der lautgesetze. *Zeitschrift für vergleichende Sprachforschung*, Göttingen, p. 303-312, 1887.

SCHUCHARDT, H. Über die Lautgesetze - Gegen die Junggrammatiker. In: WILBUR, T. H. (org.). *The Lautgesetz-Controversy (1885-1886)*. Bloomington: Indiana University Press, 1977.

WILBUR, T. H. (Org.). *The Lautgesetz-Controversy: A Documentation (1885-86)*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1977.